

Escola Sesc Pantanal: espaços e leitores no cotidiano Escolar¹

Lúcia Regina Silva de Oliveira*
Jonê Carla Baião**

Resumo

Este texto trata da organização de espaços leitores numa dinâmica de turmas do 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola situada no Pantanal Matogrossense, a Escola Sesc Pantanal. Temos uma interlocução com Yunes (2011) e Silva (2005) e outros autores que nos provocam olhar para o que a escola tem proporcionado aos alunos, quais espaços estão sendo disponibilizados e legitimizados pela escola e por todos os envolvidos no processo de formação do leitor no dia a dia. Encontramos o canto de leitura, a biblioteca e outros espaços que se redimensionam a partir do olhar do professor e dos leitores em formação. A pesquisa permitiu vislumbrar o quanto a escola se organiza para proporcionar espaços leitores com a mediação da professora e quanto os alunos se apropriam desses espaços e conseguem dar um significado singular a partir de seus interesses de leitura.

Palavras-chave: formação do leitor, leitura, espaço.

Sesc Pantanal School: spaces and readers in school everyday

Abstract

This text deals with the organization of reading spaces in a dynamics of classes of the 5th grade of Elementary School in a school located in the Pantanal Matogrossense, Sesc Pantanal School. We have an intercolution with Yunes (2011) and Silva (2005) and the others authors that provoke us to look at what the school has provided to the students, what spaces are being made available and legitimized by the school and by all those involved in the reader formation process day to day. We find the reading corner, the library and other spaces that are resized from the eyes of the teacher and the readers in formation. The research allowed us to glimpse how much the school is organized to provide spaces readers with the mediation of the teacher and how much the students take these spaces and manage to give a singular meaning from their reading interests.

Keywords: reader formation, reading, space.

Introdução

A imersão no cotidiano das turmas permitiu realizar uma pesquisa, de inspiração etnográfica, observando e acompanhando a rotina diária, de forma participativa. Esse encontro foi realizado em dois momentos distintos: o primeiro ocorreu com os alunos no 4º ano, considerado de ambientação com o espaço e os sujeitos da pesquisa; e o outro ocorreu no primeiro semestre subsequente, com os alunos no 5º ano, para a realização

¹ Apresenta um recorte da Dissertação de Mestrado intitulada: A formação do leitor: Escola Sesc Pantanal.

* Mestre em Ensino do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica - PPGEB - UERJ. E-mail: lrsoliva@gmail.com.

** Professora adjunta CAP-UERJ e do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica - PPGEB. E-mail: jonebaiao@gmail.com.

da pesquisa de campo. Na sua realização, foram utilizados alguns procedimentos, tais como: análise documental, entrevista semiestruturada com os sujeitos da pesquisa, registro fotográfico do cotidiano da turma, registro dos encontros, diálogos e vivências cotidianas no diário de campo, produção dos alunos e observação das atividades, do acervo literário e dos espaços destinados para a prática de leitura.

Yunes (2011) nos provoca o olhar quando afirma que precisamos organizar espaços e livros, com o objetivo de provocar e encontrar os leitores. Será isso possível? E que espaços leitores a escola tem nos apresentado? Ao conviver com as turmas do 5º ano do Ensino Fundamental na Escola Sesc Pantanal, situada no Município de Poconé, Mato Grosso, vinculada ao Sesc Departamento Nacional, pude observar alguns espaços definidos pela equipe, coordenação pedagógica e professoras, para a formação leitora das crianças e outros espaços definidos pelos próprios alunos, e que não foram previstos inicialmente. Sendo possível perceber que até mesmo os espaços já estabelecidos foram ressignificados pelas crianças.

Ao olhar o cotidiano dessa escola, observamos sujeitos ativos, participativos e com autonomia no seu querer e escolhas enquanto leitores. Isso ocorre em diferentes espaços, os quais circulam/transitam pela escola. Direcionaremos o olhar para alguns que fazem parte da rotina, tais como: o canto de leitura, a biblioteca e os murais na área de circulação entre as salas de aula e outros espaços também utilizados na rotina escolar.

O uso desses espaços pelos professores e alunos, a convivência do grupo nas atividades desenvolvidas nos mesmos e a singularidade imprimida por alguns alunos em cada um também trazem reflexões que poderão contribuir com aqueles que hoje aprofundam seu estudo sobre a formação de leitores.

As bases teóricas de uma formação leitora: espaços e leitores

A constituição de uma prática ou de um hábito tem relações profundas com o meio no qual estamos inseridos, seja a família, a escola ou outros espaços no convívio social, pois é na interação dos sujeitos nesses contextos que ocorrem novos aprendizados. Aprende-se com o diálogo, a troca e, nessa inter-relação, há a apropriação de novos hábitos, de novos fazeres; e, na convivência coletiva, forja-se a constituição de sujeitos de ação, uma inter-ação entre sujeitos. A escola, como um desses contextos,

possui a responsabilidade social da formação humana, a partir de um legado histórico, social e cultural, que perpassa as gerações.

A entrada da criança na escola é um momento importante para a família e para ela, pois representa pertencer a um novo grupo imerso em um contexto de aprendizagem, de novos conhecimentos e de novas aventuras. Muitas vezes, a inserção desse aluno no mundo da leitura acontece em uma perspectiva escolar e com um viés didático intenso, sem que se permita outro caminho pela leitura, como: o da criatividade, o da imaginação, o da autoria entre outros. Eis um dos desafios para a escola: trabalhar com a leitura indo além da decodificação, da leitura sem compreensão e sem sentido, possibilitando, assim, a ampliação de saberes, a partir de práticas de leitura do seu contexto social e cultural. Os alunos precisam se reconhecer nos textos que leem; reconhecer sua identidade nesse contexto tão desigual, tão diverso (FREIRE, 2011; SILVA, 2005).

Nessa perspectiva, tornar a sala de aula um espaço aprazível de e para leitores exige que a escola pense esse espaço de forma cuidadosa com exposição de livros literários e outros materiais de leitura, com momentos para manuseio, leitura e deleite dos títulos escolhidos por cada leitor. Também exige ter o tempo para escolha e para leitura em espaços como a sala de leitura e/ou biblioteca em que os alunos reconheçam o acolhimento, a presença de um profissional que está ali para lhe apresentar um “mundo” de novas possibilidades e novas realidades (PETIT, 2008).

Despertar o aluno para a leitura e cativá-lo, criar hábitos leitores no cotidiano escolar pressupõe uma meta prevista no projeto político-pedagógico da escola oriundo de um desejo coletivo da comunidade escolar. Não há ação sem sujeito, não há sonho sem sonhadores. Portanto, os espaços definidos pelos atores da escola poderão contribuir com a formação leitora, o que requer organização e planejamento por todos os envolvidos nesse processo formativo.

Uma das premissas encontradas na pesquisa foi enfatizar o protagonismo do aluno em sala de aula, em momentos de leitura, com espaços que podem permitir o respeito às suas ideias e ações, e fortalecer o diálogo do professor com os alunos. Um protagonismo que passa pelo tempo dedicado à leitura e que precisa ser viabilizado na organização do tempo/espaço escolar com o grupo na rotina organizada pelo professor. Para Colomer (2007, p. 125), “[...] muitas dúvidas que os professores expressam sobre

as leituras que devem programar se resolveriam mais facilmente se existisse um tempo escolar reservado exclusivamente para a leitura livre [...]” Tal momento poderia apresentar subsídios importantes na definição do seu acervo literário.

A proximidade com os livros e a possibilidade de livre escolha da leitura são dois elementos importantes para o trabalho de formação do leitor. Uma prática bastante simples e eficaz é a colocação de uma estante de livros em sala de aula e as atividades que podem ser desenvolvidas a partir e em torno dela. (VERSIANI; YUNES; CARVALHO, 2012, p. 130)

Essa proximidade implica o contato e manuseio do acervo literário com diferentes títulos e autores. A formação do aluno leitor, crítico, atuante e protagonista no seu contexto corrobora o pensamento de Freire (2011, p. 19-20), quando nos diz que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”, acrescentando que esse mesmo mundo poderá ampliar as palavras, ideias, argumentos, sonhos, desejos e ações desse leitor. Serão leitores e criadores de uma nova ordem, aqueles que visam a ampliar os horizontes, as possibilidades e oportunidades numa sociedade que almeja a uma educação igualitária e de qualidade para todos.

Ao discutir a escola como espaço formador de leitor em suas práticas cotidianas, trazemos para o diálogo Yunes (2012) e Silva (2005), que apontam sobre as condições necessárias à formação desse leitor, ao pensarmos na organização dos espaços, na aproximação com os livros e nas atividades que serão propostas aos alunos. A escola tem uma responsabilidade social no fomento à formação de leitores iniciantes ou não, sendo preciso repensar as ações pedagógicas que distanciam as crianças do ato leitor, seja por fruição ou não, ao invés de aproximá-los de uma leitura de mundo que ultrapasse os limites da escola. Ao trazer Freire (2011) para esse diálogo, temos a perspectiva de um reconhecimento do que as crianças trazem de sua cultura familiar e social de forma a expandir a “leitura” que têm de sua realidade cotidiana. Expandir essa interação na sala de aula tem sido um desafio cotidiano para os agentes educativos, em especial, os professores.

Colomer (2007) também se faz presente, quando aponta a importância de um tempo de “ler sozinho” tão necessário aos leitores em formação, principalmente, quando se tem tão próximo das crianças, em sala de aula ou na biblioteca, um acervo literário. A autora afirma que nunca deixou de confiar nos livros como melhores colaboradores dos

professores na educação leitora e literária de seus alunos (2007, p. 9). Nessa roda de conversa, outros autores estão presentes e contribuem para refletir sobre a leitura, o leitor, os espaços formativos, as práticas de leitura e a ação da escola na formação leitora de alunos e de professores.

A constituição de espaços de leitura na escola oportuniza os encontros de mediadores/leitores e de leitores/textos e, “por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção de conhecimento, a leitura, se acionada de forma crítica e reflexiva dentro ou fora da escola, levanta-se como um trabalho de combate à alienação [...]” (SILVA, 2005, p. 24). A escuta dos alunos, de suas histórias e o reconhecimento dos seus contextos amplia o diálogo entre os sujeitos na escola, permitindo que a “leitura” se concretize como um processo interativo entre os conhecimentos do leitor e o texto na busca da compreensão (KLEIMAN, 2011, p. 17).

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo (PETIT, 2008, p. 28).

A autora aponta para um diálogo do leitor com o texto, um diálogo que sempre será inédito e poderá apontar caminhos não previstos, ao defrontar-se com eles. O imponderável poderá acontecer, a partir de como o texto lhe atravessa.

Na escola, na ação cotidiana, a mediação do professor e/ou outro agente de leitura é importante na junção do desejo de sujeitos: o que ensina e o que aprende, não de forma dissociada, mas recíproca. É nesse ensinar e aprender que se busca tecer o prazer e a curiosidade por novos textos e autores.

Para Petit (2008, p. 158), “[...] hoje como em outras épocas, ainda que ‘a escola’ tenha todos os defeitos, sempre existe algum professor, singular, capaz de iniciar os alunos em uma relação com os livros que não seja a do dever cultural, a da obrigação austera.” E para tal, a organização de espaços leitores irá fomentar a formação cotidiana de leitores em potencial.

Leitura: os espaços/contextos legitimados pela escola: professores e alunos

[...] fazer da escola um âmbito propício para a leitura é abrir para todos as portas dos mundos possíveis, é inaugurar um caminho que todos possam percorrer para chegar a ser cidadãos da cultura escrita. [...] Para esclarecer quais são as condições didáticas que é necessário criar, devem-se examinar, antes de mais nada, quais são as que atualmente dificultam a formação de leitores (DELIA LERNER, 2002).

No convívio com as turmas do 5º ano identificamos os espaços considerados de formação de leitor na Escola Sesc Pantanal que são legitimados pela escola no dia a dia escolar. Apresentamos as suas características e organização, com destaque para os dois espaços que estão presentes na rotina das turmas: o canto de leitura e a biblioteca.

Garantir a formação do aluno leitor pressupõe, não somente a disponibilização dos espaços, mas também a clareza da escola em seus objetivos e na seleção e organização das atividades cotidianas embasados nos pressupostos teóricos e metodológicos do Projeto Político-Pedagógico. Além desses registros, faz-se necessário ter instrumentos que permitam ao professor compreender o que tem dado reais condições de alcançar os objetivos que visam à formação desse aluno leitor, como aponta Delia Lerner. O contraponto ao reconhecer as dificuldades do processo poderá potencializar o que a escola tem a oferecer no dia a dia.

[...] qualquer reflexão sobre a leitura não será consistente se não tiver como principal preocupação o leitor; ou, melhor dizendo, os leitores, com seus específicos anseios, desejos, saberes, vivências, dificuldades e necessidades. Dessa reflexão não podem ficar de fora, também, os lugares nos quais as leituras se dão. [...] Mas e o leitor em formação? Aquele que ainda está descobrindo as inúmeras possibilidades oferecidas pela leitura? Quando se trata desse leitor, sobretudo quando ele está inserido no espaço escolar ou em qualquer outro espaço preparado especialmente para incentivar a prática de leitura, é importante pensarmos em proporcionar-lhe um ambiente confortável e acolhedor, que facilite a descoberta do prazer que pode existir no ato de ler (VERSIANI et al, 2012, p. 153).

Um dos primeiros aspectos para o qual direcionamos o olhar foram *os espaços destinados às atividades de leitura*, espaços que podemos considerar legitimados pela escola para esse fim. Observamos a sua organização, suas proposições e como se dava essa formação leitora. Em relação aos espaços, apontamos: *a sala de aula, o canto de leitura, a sala de vídeo, a biblioteca e os corredores com os murais para exposição dos trabalhos das turmas*. Com certeza, há outros espaços que podem permitir o contato

com as práticas de leitura, porém a atenção foi para aqueles utilizados pela professora em momentos de interação e de leitura. São eles:

A sala de aula do 5º ano: organizada com carteiras escolares individuais em fileiras duplas. Elas são reorganizadas em vários momentos, em duplas ou em grupos, de acordo com as tarefas orientadas pela professora. Possui um armário em toda a extensão da parede nos fundos da sala onde encontramos o acervo de leitura, bem como todos os cadernos dos alunos, que ficam guardados em prateleiras, nas estantes laterais abertas. Neles também ficam guardados os objetos da professora. Portanto, a sala tem uma boa dimensão para o desenvolvimento das atividades, assim como para a movimentação feita com o mobiliário.

O canto de leitura: espaço organizado e localizado em cima do armário, com a exposição do acervo literário diversificado, porém com um quantitativo razoável em função do seu espaço limitado. Outros livros desse acervo ficam dentro do armário, o que exige o rodízio dos títulos expostos para a turma. Apesar do acervo diverso, não se percebe o critério de seleção dos títulos somente pela observação. Em diálogo com a professora, a explicação foi que a sua organização visa a atender o planejamento de cada período, durante o ano letivo, pois a seleção atende os conteúdos de estudos e o interesse demonstrado pelos alunos por certos títulos em exposição. Destacamos que, apesar de o canto de leitura situar-se dentro da sala de aula, o tratamos como um espaço específico para leitura dos alunos.

A sala de vídeo: localizada ao lado da sala do 5º ano, sendo utilizada por todas as turmas com agendamento prévio. Possui TV e estantes com livros de Literatura Infantil. Esse espaço é utilizado para outras atividades, como roda de leitura, de conversa e apresentações de trabalhos feitos pelas turmas. Essa sala possui um espaço amplo, permitindo a movimentação dos discentes e é utilizado com frequência pela escola. Seu uso poderia ser potencializado com o aumento no acervo de livros literários, ampliando o que as turmas possuem em sala de aula.

A biblioteca: fica localizada no Centro de Atividades de Poconé – CAP, sob administração do Sesc Departamento Nacional, onde também está situada a escola. Seu atendimento é direcionado à comunidade do entorno e aos alunos da escola. Segundo a

responsável desse espaço, a frequência maior é dos alunos, ou seja, a maioria do seu público é infantil. Esse espaço é constituído de mesas circulares para quatro pessoas e um pequeno sofá, o balcão para atendimento e devolução de livros, estantes com revistas periódicas, estantes com o acervo literário juvenil e adulto e uma exposição de livros temáticos. Há um espaço dentro da biblioteca destinado ao público infantil com o acervo de Literatura Infantil. A profissional da biblioteca auxilia no acompanhamento às estantes de livros e gibis e no registro dos novos empréstimos realizados pelas crianças. A devolução é feita dispondo os livros dentro de uma caixa e depois são colocados na estante pela responsável.

Os corredores com seus murais: na escola encontramos uma área central circundada por salas de aula e outros espaços (refeitório infantil e área coberta) que possibilita a circulação dos alunos e amplia a visão dos murais nas paredes, tanto para quem chega à escola quanto para quem circula nela. Nesses murais, estão os trabalhos em exposição, próximos a cada sala de aula; são tarefas realizadas pelas crianças tanto da Educação Infantil quanto do Ensino Fundamental. Eles permitem uma boa visualização para toda a comunidade escolar, pois há circulação dos pais/responsáveis no horário de saída dos alunos. A exposição abrange as atividades e/ou projetos didáticos em desenvolvimento com cada turma no bimestre em curso. Com isso, durante todo o ano, há exposição das produções dos alunos, sejam escritas, artísticas, pesquisas, registros fotográficos etc. Esses espaços configuram-se em provocadores de leitura, convidando os leitores em formação a explorar o seu conteúdo tão diverso quanto são os grupos de alunos da escola. Temos um panorama dos espaços, os quais foram bem utilizados pelos alunos.

Todos esses espaços estão presentes e são significativos na rotina escolar, porque são utilizados pelas turmas em diversas atividades de leitura, roda e/ou contação de história, dentre outras propostas. Podemos questionar quanto os professores, ao planejarem suas atividades e/ou avaliarem as ações realizadas com os alunos, têm consciência e se permitem um olhar atento para cada um desses espaços, considerando suas limitações, mas, principalmente, as potencialidades que cada um traz em si.

Ampliando um pouco mais a reflexão sobre como os sujeitos (alunos) se apropriam desses espaços de forma autônoma ou orientada, direcionamos o olhar para

dois espaços bem utilizados por eles: *o canto de leitura e a biblioteca*. Nesses espaços, foi possível observar posturas e atitudes que consideramos decorrentes das práticas de leituras vivenciadas em seu cotidiano.

Canto de leitura: a organização de um espaço para formação de leitores

O canto de leitura é uma prática em todas as salas de aula.
(Carolina, auxiliar da coordenação pedagógica)

O canto de leitura da sala de aula do 5º ano está localizado em cima do armário, no fundo da sala e possui um espaço que não permite disponibilizar todo o acervo da turma, pois uma parte fica guardada e só é utilizada quando a professora direciona para alguma atividade ou determinada área de conhecimento. A troca no acervo é realizada de acordo com o planejamento da professora e as necessidades da turma. Segundo a professora do 5º ano, os próprios alunos sinalizam quando isso acontece: “Professora, eu já li todos esses livros aqui.” Uma de suas estratégias é modificar o acervo do canto com os livros da biblioteca que são disponibilizados para tal finalidade, pois, na sua avaliação, “Há um grupo que lê bastante.”, o que provoca a necessidade de ampliar/variá-lo depois de certo tempo. A professora esclarece que, na troca dos títulos, pede aos alunos para escolherem o livro (na biblioteca) e, nesse momento, ela busca garantir a participação deles na constituição do acervo em sala de aula. Diante dessa prática, podemos perguntar se haveria outras estratégias para a participação dos alunos nessa seleção e que fosse mais sistemática durante o ano letivo, contribuindo, inclusive, para as novas aquisições a serem feitas pela escola. Uma outra proposição é pensar em indicações da família, pesquisa na Internet e outros, com a mediação da professora na análise do que for proposto.

Pensar na organização do acervo de livros literários ou outros materiais para leitura em sala de aula é imprescindível para enriquecer as proposições de práticas de leitura, principalmente ao considerar os aspectos: qualidade, quantidade, autores, diversidade, temáticas etc. Portanto, a proposta de ter um canto de leitura precisa ser objeto de análise, estudo e avaliação, visando a estruturá-lo com bons títulos e espaço adequado. Poderá ser na diversidade apresentada que se possibilitará uma “viagem pela imaginação” a cada livro escolhido ou lido para o grupo, seja pela criança ou pela

professora. A ampliação desse acervo literário tem sido objeto de atenção da coordenação pedagógica, pois ela acredita que a renovação pode ser uma das formas de estimular a formação desse aluno leitor, principalmente por considerar que nem todos possuem condições financeiras de acesso aos livros. Para Silva (2005, p. 101-102), ninguém pode gostar de algo que não teve a chance de experimentar e partilhar, portanto, ele sugere “apresentar aos estudantes das séries iniciais muitos, muitos livros e textos que eles possam ler e compreender, [...] podem compor um acervo de classe, que seja de fácil acesso e manuseio pelas crianças”.

No período em que estivemos na turma do 5º ano, em um convívio diário, foi possível observar quanto esse espaço é constantemente visitado pelos alunos durante o tempo em que ficam na escola, seja no intervalo das tarefas ou com a conclusão delas. No entanto, alguns alunos, mesmo durante o desenvolvimento de algumas tarefas, dão uma “escapulida” e vão para lá. O que podemos pensar sobre esse movimento dos alunos? O que ele nos diz ou dá indícios de algo ainda não percebido no dia a dia pela professora? Uma ideia que vislumbramos é que o uso do canto entra nos “intervalos” e não tem o seu tempo organizado na agenda da turma, fazendo com que o aluno, frequentemente, fique nesse ir e vir. Será esse um dos objetivos do canto de leitura? Ocupar os intervalos? Localizar-se num tempo de espera?

Percebemos, no entanto, um protagonismo nesse canto de leitura, pois é a partir dessa movimentação dos alunos que podemos afirmar que ele se constituiu em uma referência de leitura para as crianças, sendo reconhecida a sua importância em sala de aula tanto pela professora quanto pela coordenação pedagógica. O ato de buscar os livros ou folheá-los revela esse movimento dos alunos. Revela, talvez, um pouco mais, que a valorização do canto de leitura advém de uma vivência dos anos anteriores.

Reconhecendo que esse espaço está organizado e sendo aproveitado pelos alunos, questionamos como potencializá-lo na perspectiva de consolidar a formação leitora. O que esse espaço pode apresentar de novo para os alunos? É preciso validar atividades e ações que possam ampliar o campo da leitura como produção de sentidos nessa interação leitor/livro (YUNES, 2012). Para tanto, uma questão a destacar é a seleção dos títulos para compor o acervo e para contemplar as necessidades e desejos das turmas, assim como os interesses inerentes à sua faixa etária. Ter um espaço convidativo com títulos que encantam o leitor a partir de sua capa, de sua ilustração, de

sua diversidade textual, de autores conhecidos e outros que serão apresentados no decorrer das atividades, além de pensar na inserção de outros materiais, como revistas para o público infantil, gibis, jornal, ficha de leitura etc.

Talvez seja preciso pensar em alternativas como expositores de livros que permitam a visualização de todos os livros, ou alternativas que a professora possa vislumbrar, considerando as características físicas, de comportamento, de interesse e de acessibilidade para os alunos do 5º ano. Ou seja, buscar atender as realidades e/ou diferenças que podem se configurar em cada grupo.

No caminho dessa reflexão, podemos apontar outra possibilidade que é organizar momentos específicos para manuseio desse acervo, com leitura ou não dos livros, e, de preferência, sem estarem vinculados a uma tarefa escolar. Garantir a exploração desse espaço, contemplando-o na organização do tempo didático semanal, poderá permitir um uso mais sistemático e menos “aleatório” pelos alunos. Quando utilizamos esse termo, é no sentido de que esse momento pode correr o risco de ficar muito restrito ao tempo entre tarefas escolares. Podemos apontar o tempo de leitura como uma proposição que permita o “ler sozinho” ou o “ler com os outros”, criando uma comunidade de leitores, na escola e na família, fortalecendo os laços entre as duas instituições (COLOMER, 2007, p. 150).

A escola, no entanto, ao organizar esse espaço e desenvolver momentos de formação continuada com foco na formação leitora dos alunos, tem contribuído e feito um trabalho direcionado para as turmas do 5º ano, bem como desde os anos anteriores, como eles relataram durante a entrevista. O depoimento da aluna “Sara” corrobora, quando diz: “A professora mandava um monte de fichinha para a gente ler e aí, quando eu aprendi a ler, eu comecei a ir bastante na biblioteca [...]”. Neste momento, a aluna faz referência à sua professora do 1º ano e traz à memória a atividade realizada por ela. Quando diz “*Monte de fichinha*”, ela refere-se a pequenos textos que os alunos levavam para a leitura em casa. Essa é uma das alunas que sempre tem um livro por companhia e é frequentadora assídua da biblioteca. Ela não se mostrou uma exploradora do canto de leitura, pois sua referência de leitura/espço de leitura, pelo que pudemos observar, passou desse espaço para o da biblioteca.

A biblioteca do Sesc: o diálogo com a escola na formação do leitor

Nós estamos observando que com essa frequência da ida à biblioteca como um espaço de cultura, as crianças estão adquirindo esse hábito de ler pelo prazer de ler. (Ana, coordenadora pedagógica)

A escola não possui uma biblioteca em sua estrutura física. A biblioteca está localizada dentro do Centro de Atividades de Poconé – CAP, destinada à comunidade, mas os alunos da escola também são atendidos por meio de um agendamento prévio feito pelos professores. Há o deslocamento das turmas da escola até esse espaço. Possui uma boa dimensão para o atendimento às turmas e comporta uma por vez.

Visando a essa melhor organização, há uma divisão do grupo pelo espaço da biblioteca, que ocorre de forma bem autônoma pelos alunos e, em alguns momentos, orientada pela professora. Enquanto alguns escolhem livros, outros buscam a leitura de gibis ou livros disponíveis nas mesas e nas estantes, ou então registram o livro que pegaram para empréstimo. Assim, a visita transcorre sem contratempos e permite um trânsito tranquilo pelo seu espaço. Apenas há o cuidado de não conversarem em tom alto, de forma que não atrapalhem quem esteja na biblioteca. Em geral, o tempo destinado à biblioteca, no planejamento semanal, é de trinta minutos.

Curioso, ao observar a circulação do grupo pelo espaço, é ver o uso de um pequeno sofá, bem disputado, porque é nele que sentam para ler, enquanto esperam os colegas. Suas leituras são gibis, já que não podem fazer empréstimo, revistas ou o próprio livro que escolheram. Percebe-se uma concentração dos pequenos leitores nesse espaço. Mais um registro do protagonismo do aluno leitor que marca o seu interesse dentro de uma dinâmica já estabelecida na rotina semanal. Em relação aos gibis, a coordenadora pedagógica informou que não são emprestados pela sua vulnerabilidade e por política da biblioteca, por considerarem-nos textos fáceis e de leitura rápida. Quando é dada baixa desse acervo, ele é direcionado para escola e fica disponível para leitura em sala de aula e/ou para ser levado para casa.

A biblioteca tem o acervo disponível em estantes, e a bibliotecária posiciona alguns livros de forma convidativa ao leitor, assim como organiza uma exposição temática em determinado local de fácil acesso e disponibiliza alguns títulos sobre as mesas. Esses livros são manuseados pelos alunos, enquanto aguardam a volta para a sala de aula.

A ida da professora com os alunos à biblioteca sempre tem como propósito o empréstimo de livros. Toda semana, eles vão para a devolução dos livros e empréstimo de novos. Não há ainda outras proposições para esse momento com as turmas na biblioteca. Há uma perspectiva de organizar outras atividades para o atendimento às turmas, ampliando-as também para a pesquisa escolar, pois a ideia é ir além do empréstimo de livros aos alunos. Isso demonstra que outras possibilidades poderão advir de uma parceria da biblioteca com a escola. Ter essa proposta consolidada pela escola é uma forma de ampliar os momentos de leitura, indo além do espaço da sala de aula, possibilitando aos alunos o acesso a um acervo maior e selecionado com base no público a que se destina. A consolidação dessa rotina semanal permitiu ver alguns resultados que aparecem tanto no discurso dos alunos quanto dos responsáveis. Como destacamos a seguir, na fala de um aluno:

Minha mãe sempre diz para pegar bastante livro na biblioteca porque, se eu ler mais, eu vou ter conhecimento. (Marcos, 5º ano vespertino).

Há um sentimento de “prazer” na fala dos alunos e dos responsáveis, quando apontam o desejo das crianças de irem à biblioteca e buscarem novos livros. Para os pais/responsáveis, o fato de a escola dispor de uma biblioteca é mais um fator de qualidade para o atendimento aos alunos. Observamos que constituir uma rotina contribuiu para que os alunos construíssem esse hábito de leitura e de procura espontânea pelos livros.

Nesse contexto, a escola fomenta a ação da família, “A gente dá dicas para os pais. Há uma preocupação de envolver as famílias na formação dessa criança leitora.”, como sinaliza a coordenadora pedagógica; ou quando os pais apoiam o movimento dos filhos e valorizam a formação desse hábito, “Juliana não sai da biblioteca. Quase todo dia ela pega livro para ler.”, como aponta a mãe de uma aluna; ou quando os alunos utilizam esse espaço fora da rotina semanal definida pela escola, “Todo dia quando eu pego um, dois livros na biblioteca que é grande, grosso, eu leio em casa.”, como afirma a aluna “Karla”, do 5º ano matutino.

Vimos a organização dos espaços e como estão inseridos no cotidiano das turmas, portanto, podemos afirmar que o uso desses espaços apresenta um quadro de como a escola viabiliza as condições, tanto física quanto pedagógica, para a formação

desse aluno leitor, pois a organização/proposição desses espaços acompanha a rotina dos alunos, desde a sua entrada nas séries iniciais. Essa ação de cunho longitudinal cria as bases para uma ação mais proativa dos alunos em seu percurso pelo 5º ano do Ensino Fundamental, mediada pela professora, como também, em vários momentos, protagonizados por eles em situações cotidianas.

Considerações finais

Nesse olhar cotidiano, observamos que a formação desse aluno leitor ultrapassa os momentos definidos pela professora em seu planejamento, ao propor as práticas de leitura. Há um protagonismo na ação dos alunos que também legitima espaços e tempos de leitura no cotidiano escolar.

Ler é uma premissa que atravessa as relações, pois não lemos apenas os textos. A leitura perpassa o olhar, os gestos, os movimentos, as imagens e, enfim, chegamos aos textos que circulam pela sala de aula. São as tarefas escolares, as atividades do dia, o conteúdo de estudo, o texto escrito e copiado do quadro, o dicionário manuseado em busca de palavras e seu significado, os livros de leitura lidos em “gotas”, pois o tempo não é para eles. Temos também o texto escrito no quadro, os avisos e convites que chegam para serem levados para a família. Vemos o tempo de uma leitura espontânea e outra dirigida, mediada pelo professor. Há uma leitura constante na rotina deles.

Nas turmas do 5º ano, vimos que a leitura acontece independente da atividade estrita de leitura. Talvez, como em qualquer outra sala de aula, destacamos, ali, os olhares e ações fortuitas das crianças para com os textos/livros: um pouco do que acontece, quando manuseiam o acervo do canto de leitura e quando estão na biblioteca.

Ao olhar para o cotidiano dessas turmas e observar um “desejo de leitura”, que ultrapassa o tempo de leitura estabelecido pela professora, podemos questionar o que os alunos sinalizam com esse movimento que aconteceu em diferentes espaços por que passamos: a sala de aula, o canto de leitura e a biblioteca. Será a necessidade de um “tempo para ler”? Seria desejável o professor garantir, em seu planejamento, um momento diário de leitura, com diferentes estratégias, não somente para que construa o hábito da leitura, mas também a fim de que tenha objetivos/expectativas de aprendizagem, para uma leitura cada vez mais proficiente, com compreensão das ideias ditas e de suas entrelinhas? O diálogo do leitor com o texto será tanto rico quanto

amplie o seu uso de estratégias de leitura, a partir de suas práticas cotidianas (SOLÉ, 1998).

A garantia desse tempo de leitura, de ler sozinho, atenderá aos alunos que leem de forma “furtiva” durante o turno escolar? Por várias ocasiões, pudemos observar os livros que os alunos pegaram na biblioteca ou mesmo no canto de leitura. Eles ficavam na mochila, embaixo da carteira, ao lado do caderno e entre as pernas. A cada “brecha” possível, ele se tornava objeto de leitura. Será isso “ansiedade” para terminar a história? Não dá para ler em casa? O que nos diz a repetição desse movimento?

Podemos pensar que ter esse tempo na agenda pode gerar dispersão e dúvidas: estarão todos desejosos desse tempo? Há validade nessa proposição? São indagações para as quais, somente vivenciando esse tempo de leitura com os alunos, conseguiremos encontrar respostas ou até novas indagações. No entanto, não podemos ignorar essa mobilização/movimentação “furtiva” desses alunos.

Consideramos a proposição de “ler sozinho”, de Teresa Colomer (2007), um desafio instigante. Pode parecer um “andar para trás” ter esse tempo de leitura, mas, trazendo a ideia de que é possível construir um caminho nessa direção, reconhecemos que todo caminho implica idas e vindas, atalhos, seguir, voltar e tornar a seguir. No entanto, se o professor sabe aonde pretende chegar, não importa o caminho que escolherá. E ao acompanhar o fazer pedagógico da professora do 5º ano, foi possível conhecer como acontece, pela sua mediação, o encontro com textos/livros e com os espaços para a formação de leitores nos quais os alunos vivenciam as práticas de leituras.

Ao delinear os espaços/tempo de leitura e de formação de leitores legitimados pela escola, assim como a relação que se apresenta no cotidiano entre os sujeitos da pesquisa e esses espaços, destaco, algumas considerações “reflexivas”, para que possam colaborar com os professores.

- ✓ O papel da escola tem sido de organizar espaços e tempos para a prática de leitura que são legitimados em seu cotidiano e que contribuem na formação leitora dos alunos.
- ✓ A professora reconhece e estimula os alunos em suas potencialidades, reconhecendo a singularidade de cada grupo (matutino e vespertino), seja nas ações em sala de aula, na biblioteca e em outros espaços da escola.

- ✓ Nas turmas do 5º ano, há leitores com gosto e leituras diversos; alunos que têm o hábito de fazer empréstimo de livro na biblioteca em momentos diferentes do estipulado pela escola. Esses leitores possuem marcas em sua formação leitora que ultrapassam o tempo cronológico do 5º ano, pois são “marcas” significativas desde quando entraram na escola. O que acontece no 5º ano dialoga com as experiências que os alunos tiveram nos anos anteriores, decorrentes da mediação dos seus professores.
- ✓ A biblioteca se apresenta como um espaço convidativo para os alunos, há aproveitamento do tempo em que estão nela. A parceria com a escola poderá ser ampliada para usufruir desse espaço com outras proposições, além do empréstimo de livros.

Ao refletir sobre a formação do aluno leitor e vivenciar o cotidiano escolar com as crianças e a professora da Escola Sesc Pantanal, dialogamos com diferentes sujeitos que mostraram uma escola sonhada, possível e real. Os alunos do 5º ano seguirão escrevendo a sua história, assim como todos os envolvidos nesse processo.

Referências

- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. 1. ed. São Paulo: Global, 2007.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 51. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2011.
- KLEIMAN, Angela, *Leitura: ensino e pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2011.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MATA, Adriana Santos da. *As crianças. Quem são as crianças?* In.: GOULART, Cecília, SOUZA, Marta (orgs.). *Como Alfabetizar? Na roda com professoras dos anos iniciais*. Rio de Janeiro: Papyrus Editora, 2015.
- PETIT, Michele. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Elementos de Pedagogia da Leitura*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed. 1998.

VERSIANI, Daniela B., YUNES, Eliana, CARVALHO, Gilda. *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura – PUC-Rio, 2012. - REVER

YUNES, Eliana (org.). *Leitores a caminho: formando agentes de leitura*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2011.

_____. *Linguagem, educação e cultura: leituras*. 1. Ed. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, Fundação Pedro Calmon, 2012.

Recebido em: 05 jun. 2018.

Aceito em: 05 jul. 2018.